



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS (CCHE)
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

LINDOVÂNIA DA COSTA BORGES

**ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO: Uma análise das Vivências Subjetivas dos
Professores da Zona Rural do Município de Monteiro - PB.**

MONTEIRO – PB

2018

LINDOVÂNIA DA COSTA BORGES

ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE: Uma análise das Vivências Subjetivas dos Professores da Zona Rural do Município de Monteiro - PB.

Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em letras, habilitação em língua portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI- Poeta Pinto do Monteiro, Centro de Ciências humanas e exatas, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em letras.

Área de concentração: Psicologia e educação.

Orientadora: Prof^ª Ma. Joana Dar'k Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

MONTEIRO – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837e Borges, Lindovânia da Costa.

Entre o prazer e o sofrimento [manuscrito] : uma análise das vivências subjetivas dos professores da Zona Rural do Município de Monteiro - PB / Lindovania da Costa Borges. - 2018.

46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Joana Dar'k Costa , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Trabalho docente. 2. Ensino Fundamental. 3. Professor (Saúde Mental).

21. ed. CDD 371.1

LINDOVÂNIA DA COSTA BORGES

ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO: Uma análise das Vivências Subjetivas dos
Professores da Zona Rural do Município de Monteiro - PB.

Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em letras, habilitação em língua portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI- Poeta Pinto do Monteiro, Centro de Ciências humanas e exatas, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em letras.

Área de concentração: Psicologia e educação.

Aprovada em: 12/08 2018

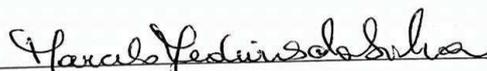
BANCA EXAMINADORA



Profa.Ma. Joana Dar'k Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Bruno Alves Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, Lindoval dos S. Borges & Maria de Fátima da C. Borges, e aos meus irmãos Lucas Borges & Lizziane Borges que, mesmo nos momentos mais difíceis, nunca deixaram de acreditar em mim.

A Diego Dantas com quem amo partilhar a vida, obrigado pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz nas correrias de cada semestre.

AGRADECIMENTOS

Difícil é expressar em palavras o que eu sinto neste momento, sei que não é nem o começo e nem muito menos o fim, ainda tenho muito caminho a trilhar. Primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido a produção deste trabalho e por ter sido meu amparo.

Aos meus pais, que são a minha base, meu pilar. Eles que lutam, trabalham e dedicam-se em prol da minha formação acadêmica. Através de muito esforço e determinação, sou grata por acreditarem nos meus sonhos e nos meus planos e me guiarem sempre.

Agradeço aos meus irmãos queridos, Lucas e Lizza minhas duas paixões, por me apoiarem nessa etapa de minha vida e por estarem sempre presentes.

À minha família materna, agradeço pelo grande apoio que recebi desde quando iniciei minha vida acadêmica, sempre com palavras positivas, meus tios e tias, em especial a minha tia Dora Venâncio, que nunca mediu esforços para me ajudar e incentivar. Ao meu avô (Benedito) e avó (Das Neves), primos, enfim todos. E agradeço também a minha família paterna, que sempre se fez presente em minha vida, a minha avó (Francisca) e avô (Olivaldo), meus tios queridos, primos e ao meu tio de coração, Bastinho, por todo apoio e motivação nessa etapa da minha vida.

Agradeço aos sobrinhos do meu coração Hiara, Hian, Helena, Nathan, Bruce Filho e Beatriz. Vocês tornaram a minha caminhada mais leve com tanto amor e carinho.

Agradeço ao meu namorado Diego Dantas, que está em todos os momentos ao meu lado e caminha junto comigo na vida acadêmica e no amor. A ele, toda minha admiração e respeito. Eu o amo e sou grata a Deus por me presentear com esse homem incrível.

Gratidão por ser presenteada com uma segunda família aqui em Monteiro, a família Nunes, meus vizinhos maravilhosos e, em especial, a minha avó do coração Dona Zanita, minha grande amiga, companheira. Agradecer à senhora não é fácil, porque não cabe aqui, o grande carinho que sinto, choro aqui nesse momento em saber que nossos cafés da tarde com muitas conversas boas e risadas agora vão ficar mais difíceis, vamos nos distanciar um pouco fisicamente, mas tenho certeza de que em meu coração estarás sempre presente. Obrigada, por tudo, minha querida.

À minha orientadora Joana Dar’k Costa, exemplo de competência, humildade e paciência. Há pessoas que marcam nossa vida, que despertam algo especial em nós, que abrem nossos olhos e transformam a nossa maneira de ver o mundo, você é uma delas, obrigada por todo incentivo, por acreditar mais em mim do que eu mesma. Você é uma grande inspiração.

Agradeço também a Janilce Magalhães, por toda disponibilidade, carinho e cuidado com a minha saúde.

As minhas amigas da vida também, Camyla Guedes, Joyce Carla e Lara Moura que sempre me apoiaram e incentivaram nos meus projetos e sonhos.

Agradeço a Joyce Rodrigues, por compartilhar comigo todos os momentos felizes e estressantes que a universidade proporciona, obrigada por ser a melhor dupla. A Niedja Morais, por está comigo nesse momento de escrita do trabalho, pelos desabafos e incentivos a morar na biblioteca do campus. Agradeço também a todos os meus colegas de curso.

Agradeço a Amiel Nassar Rivera, como diretor, professor e amigo. Por todo apoio na minha vida acadêmica. Sei que não sou muito de demonstrar o meu carinho, mas saiba que você é um grande exemplo de ser humano para mim, obrigada por nunca me dar um não quando precisava; pelas dicas de contos para trabalhar em sala de aula, por emprestar seus queridos livros novos. Você é uma grande inspiração como pessoa e profissional. Meus sinceros agradecimentos!

Ao campus VI e equipe por me acolherem carinhosamente. Sou grata a todos os professores dessa instituição por toda contribuição para minha vida profissional e pessoal, em especial a: Bruno Alves, Luciana Nery, Jordão Silva, Paulo Ademar, Simone Alves, Saulo Santana, Adeilson Tavares, Márcio Gomes, Natássia Ribeiro e Danielly Inô.

Sou grata à banca examinadora, pelas contribuições valiosas para uma melhor construção desse trabalho.

Aos professores entrevistados pela disponibilidade, acolhimento e contribuições na coleta de dados para a pesquisa. Gratidão!

Meus sinceros agradecimentos a todos!

Eu não penso sempre a mesma coisa, razão pela qual meus livros são, para mim, experiências, no sentido de que eu gostaria que fosse o mais pleno possível. Uma experiência é qualquer coisa da qual saímos transformados em nós mesmos.

Michel Foucault

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as inter-relações do processo de trabalho, a produção de subjetividades e a saúde mental dos professores do ensino fundamental que atuam na zona rural da rede pública municipal de Monteiro-PB. Como aporte teórico utilizamos a abordagem da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours (1994). Recorremos também aos estudos de Canguilhem (2006), acerca da saúde do ser humano, e de Mary Yale Neves (1999) que realizou estudos sobre a relação saúde mental e trabalho docente. A Psicodinâmica do Trabalho coloca a normalidade, e não a doença, como objeto central de investigação. Dessa forma Dejours analisa como em determinadas circunstâncias de pressão no trabalho, o trabalhador permanece saudável e ativo, destacando, nesse processo, a importância dos mecanismos de defesas individuais e coletivas que os trabalhadores criam como forma de se protegerem do sofrimento produzidos pelas situações de trabalho. Como instrumento metodológico, utilizamos entrevistas individuais de caráter semi-estruturado. Participaram da pesquisa 11(onze) professores do ensino fundamental de 4 (quatro) escolas da zona rural do município de Monteiro. Em nossas análises, percebemos as seguintes fontes de sofrimento e desgaste no trabalho dos professores: precarização do trabalho; desinteresse dos alunos em sala de aula; indisciplina; falta de participação dos pais na formação educacional dos filhos; desvalorização do salário; sobrecarga de trabalho e o deslocamento para a zona rural, devido à distância e às péssimas condições das estradas principalmente em época de chuva. Embora os depoimentos dos professores tenham apontado os problemas oriundos da organização e condições de trabalho que produzem sofrimento psíquico, nosso estudo também identificou as fontes de prazer no exercício do magistério, dentre as quais podemos destacar: o reconhecimento do trabalho docente pelos alunos e pais; as atividades de ensino e a evolução dos alunos no processo de escolarização que acabam repercutindo na subjetividade do professor dando sentido ao trabalho que exerce em seu cotidiano.

Palavras-chave: Subjetividade. Saúde Mental. Trabalho Docente.

ABSTRACT

The present work has as its main goal to analyze the interrelationships of the work process, the production of subjectivities and the mental health of elementary school teachers of the rural area of the municipal public network in Monteiro, State of Paraíba. As a theoretical support, we have used the Psychodynamics of Work approach, by Christophe Dejours (1994). We have also resorted to the studies of Canguilhem (2006) about the human being's health and Mary Yale Neves (1999), which carried out studies on the relationship between mental health and teaching work. The Psychodynamics of Work places normality, not disease, as the central object of investigation. This way, Dejours analyzes how under certain circumstances of pressure at work, the worker remains healthy and active, highlighting, in this process, the importance of individual and collective defense mechanisms which workers create as a way of protecting themselves from the suffering produced by work situations. As a methodological tool, we have used individual semi-structured interviews. 11 (eleven) elementary school teachers from 4 (four) schools from the rural area of Monteiro took part in the research. In our analysis we have noticed the following sources of suffering and wear in the teachers' work: precariousness of work; student disinterest in the classroom; indiscipline; lack of parental involvement in the educational background of their children; devaluation of salary; work overload and the displacement to the rural area, due to the distance and poor road conditions, especially in the rainy season. Although the teachers' statements have pointed out the problems arising from the organization and working conditions that produce psychic suffering, our study has also identified the sources of pleasure in the exercise of teaching, among which we can highlight: the recognition of teaching work by students and parents; the teaching activities and the students' evolution in the schooling process, which end up affecting the subjectivity of the teacher, giving meaning to the work they carry out in their daily life.

Key words: Subjectivity. Mental Health. Teaching Work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A SUBJETIVIDADE NO MUNDO DO TRABALHO	13
2.1 “Saúde é quando ter esperança é permitido”	13
2.2 Relação entre Saúde, Subjetividade e Trabalho: As Contribuições da Psicodinâmica do Trabalho	15
2.3 Saúde e trabalho docente	20
3 O CAMINHO PERCORRIDO	23
3.1 Perspectiva Metodológica	23
3.2 Contextualização das escolas pesquisadas.....	24
3.3 Geração de dados.....	26
4 A DOR NO PRAZER DE SER (TORNA-SE) PROFESSOR: CLÍNICA EM SALA DE AULA, DIZERES DOCENTES.....	28
4.1 Análises e Discussão dos Resultados	28
4.1.1 Inserção Profissional: Como eles chegam ao magistério?.....	28
4.1.2 O processo de trabalho: o dia a dia dos professores da zona rural	30
4.1.3 Fontes de Sofrimento.....	33
4.1.4 A produção de sentido na atividade docente	35
4.1.5 Existe prazer no trabalho docente?.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .	45
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	46

1 INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no mundo do trabalho e os impactos gerados na saúde mental têm sido alvo de discussões e reflexões por diversos autores em diferentes momentos históricos. Estudos apontam que os transtornos psíquicos relacionados ao trabalho estão aumentando em todo o mundo, principalmente, nas áreas metropolitanas. Teóricos da psicopatologia e psicodinâmica do trabalho consideram que esse aumento está relacionado com as atuais formas de organização do trabalho e de condições de trabalho, as novas exigências cognitivas e mentais. (DEJOURS & ABDOUCHELI, 1994)

Nessa perspectiva, encontramos vários analistas sociais que consideram a centralidade do trabalho para compreender como se dá a produção de subjetividade nas sociedades contemporâneas. Dentre esses analistas, podemos destacar o psicanalista francês Christophe Dejours (1994), que realiza estudos sobre os efeitos danosos à saúde ocasionados pela forma como está organizado o trabalho nas sociedades industriais. Diante dessa realidade, podemos supor que, quando os trabalhadores lutam contra os aspectos danosos do trabalho, o ideal para eles seria a inatividade, a passividade, a ociosidade. Entretanto, para o autor:

Ao contrário, quando o sujeito não faz nada, não quer fazer nada, e se mantém em uma inatividade quase total, geralmente é sinal, do ponto de vista psiquiátrico, que ele está doente. Se observarmos as crianças deixadas livres (não abandonadas) suas escolhas não consistem, de forma nenhuma, em ficar inativas. Ao contrário, elas não ficam quietas. Começam por jogos, depois construções, depois todo o universo de experimentações, de projetos, de realizações que não tem nada a ver com a ociosidade estúpida e beata” (DEJOURS, 1993, p. 102).

As discussões sobre subjetividade, saúde e trabalho se apresentam a partir de diferentes linhagens teóricas, entre elas a Psicodinâmica do Trabalho, que é o fio condutor deste estudo. Os teóricos dessa abordagem chamam a atenção para a importância da compreensão das questões referentes à organização do trabalho, à relação dos sujeitos com o processo de trabalho, o sofrimento ocasionado pelo confronto com essa realidade, e às defesas elaboradas frente a esse sofrimento (DEJOURS, 2004; DEJOURS & ABDOUCHELI, 1994, NEVES, 1999).

Especificamente em relação ao trabalho docente, estudos já realizados sobre esta atividade destacaram a presença de um quadro de precarização no qual se visualiza a deterioração progressiva das condições e da organização do trabalho. Podemos destacar um estudo realizado por Neves (1999) na Paraíba, mais especificamente, na cidade de João Pessoa, acerca da relação entre saúde mental e o trabalho de professoras de escolas públicas municipais. Os dados da pesquisa revelam a presença de um sofrimento que é constante, diário, ligado à

falta de pessoal e material nas escolas, o que provoca uma sobrecarga de trabalho; à dificuldade para operar o *controle-de-turma* (que diz respeito à organização das condições de ensino em sala de aula); à inexistência de espaços de trocas e de planejamento das atividades docentes; à insuficiência de pausas de trabalho; à tripla jornada de trabalho (incluindo as atividades domésticas); à contaminação das relações familiares e, sobretudo, do não reconhecimento social do seu trabalho.

A situação de trabalho dos professores em municípios do interior da Paraíba parece não ser diferente dos dados acima apresentados. Há um quadro acentuado de desvalorização do trabalho, defasagem salarial e uma progressiva desqualificação dessa atividade profissional. Neste sentido, é importante ressaltar que, embora estudos já tenham sido realizados nessa área, tratando da relação saúde mental e trabalho docente de professores da área urbana, a nossa proposta se apresenta como inovadora, porque tenta ampliar o leque de estudos ao propor uma pesquisa com professores que trabalham na zona rural de um município do cariri paraibano e que apresentam, portanto, contextos específicos do processo de trabalho e configurações distintas da subjetividade, do modo de viver e de atribuir sentidos ao trabalho docente.

Nesse sentido, recorreremos a Foucault (1995) quando diz que os processos de subjetivações são produzidos a partir de uma série de procedimentos que são propostos e prescritos ao indivíduo, em todas as civilizações, para fixar sua identidade, mantê-la em função de um certo número de fins. Podemos compreender, portanto, que, para Foucault, a subjetividade é constituída historicamente. O sujeito não existe como uma forma determinada, o sujeito não é uma substância. O sujeito é formado pelas práticas que o constituem.

É, portanto, na tentativa de contribuir para ampliar o debate e aprofundar a construção de conhecimentos produzidos no campo da saúde mental e trabalho, especificamente do trabalho docente que justificamos a importância desta pesquisa. O nosso objetivo principal é analisar as inter-relações do processo de trabalho, a produção de subjetividades e a saúde mental dos professores do ensino fundamental da zona rural da rede pública municipal de Monteiro-PB.

A pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva de identificar as vivências subjetivas dos professores de escolas da zona rural do município de Monteiro-PB. A pretensão foi buscar identificar não apenas os elementos presentes no processo de trabalho que produzem sofrimento (e até mesmo adoecimento), mas, sobretudo, identificar os processos de singularização da subjetividade agenciados pelos professores na tentativa de (re)inventar novas estratégias em defesa da saúde e da afirmação da vida no trabalho.

No desenvolvimento desse estudo, elegemos as seguintes questões norteadoras: Que elementos presentes no processo de trabalho na escola se constituem fonte de sofrimento psíquico e sobrecarga? Quais as fontes de prazer existentes no trabalho docente? Quais as implicações do processo de desvalorização e desqualificação no trabalho do professor na configuração da subjetividade?

Como ferramentas teóricas para fundamentar este estudo, recorreremos à psicodinâmica do trabalho de Christophe Deujors (1994), Canguilhem (2006), Mary Yale Neves (1999) que trazem consideráveis contribuições para a temática abordada.

Optamos para a realização deste estudo por procedimentos metodológicos de cunho qualitativo e realizamos entrevistas individuais de caráter semi-estruturado com roteiro previamente elaborado. O estudo teve como sujeitos participantes 11 (onze) professores da zona rural do município de Monteiro – PB, foram entrevistados 03 (três) do sexo masculino e 08 (oito) do sexo feminino, selecionamos 4 (quatro) escolas diferentes para compor a amostra da pesquisa.

Na perspectiva de alcançar o objetivo proposto, o trabalho em questão se desdobra em três capítulos: no primeiro capítulo, temos uma discussão do arcabouço teórico que fundamentam o estudo. Inicialmente, temos uma discussão acerca do conceito de saúde, em seguida abordamos a relação entre saúde, subjetividade e trabalho, adentrando, por fim, em uma discussão acerca do trabalho docente.

No segundo capítulo, situamos a perspectiva metodológica que orientou nossa pesquisa, descrevendo sucintamente os passos da investigação.

No terceiro capítulo, temos a análise e discussão dos resultados da pesquisa, momento em que apresentamos como se configura o processo de trabalho realizado pelos professores nas escolas da zona rural; quais as implicações desse trabalho na saúde e os movimentos engendrados pelos professores na tentativa de (re)inventar novas estratégias para darem sentido as atividades do cotidiano escolar.

2 A SUBJETIVIDADE NO MUNDO DO TRABALHO

2.1 “Saúde é quando ter esperança é permitido”

A caixa de ferramentas teórica metodológica que fundamenta este estudo tem como um dos eixos a concepção de saúde de Canguilhem (2006) e a articulação feita pelo psicanalista Christophe Dejours (1994) entre saúde e trabalho. A perspectiva desenvolvida por esses autores permite pensar o ser vivo humano, o homem e a mulher, como seres ativos potencialmente capazes de superar desafios, criar e recriar novas possibilidades de existir e de atuar no mundo do trabalho.

Canguilhem (2006) opondo-se ao conceito de saúde difundido pela medicina tradicional, considera a saúde como uma característica essencial do ser vivo, que consiste na capacidade de criar novas formas de vida, possibilitando enfrentar e superar os desafios oriundos das infidelidades e variações do meio.

Para o referido teórico, a saúde e a doença podem ser identificados como dois pólos de um processo dinâmico, contidos um no outro. Ao considerar a variabilidade biológica, ele, atribui ao próprio indivíduo a responsabilidade de distinguir o ponto em que começa a doença. Neste caso, a doença é definida como a perda da capacidade do indivíduo de voltar a uma condição em que se sinta normal, isto é, a perda da capacidade de instituir novas normas em condições diferenciadas – perda da capacidade normativa. Canguilhem (2006) define ainda as doenças funcionais, como sendo quase todas as perturbações de ritmos, desencadeadas pelas fadigas ou estafas, ou seja, qualquer exercício que ultrapasse a justa adaptação das necessidades do sujeito no ambiente em que está inserido.

Para o autor, o anormal não é o patológico, patológico implica “*pathos*”, sentimento direto e concreto de sofrimento e de impotência, sentimento de vida contrariada. Portanto, “Ser sadio significa não apenas ser normal numa situação determinada, mas ser também normativo, nessa situação e em outras situações eventuais” (CANGUILHEM, 2006, p.158). O que caracteriza a saúde é a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instruir normas novas em situações novas. Desse modo, a saúde é uma margem de tolerância às infidelidades do meio no sentido de que nada acontece por acaso, mas tudo ocorre sob a forma de acontecimentos. O autor ressalta que é nisso que o meio é infiel, sua infidelidade é exatamente seu *devoir*, sua história.

Ainda segundo o autor, a vida não é para os seres vivos uma dedução monótona, um movimento retilíneo. Ela ignora a rigidez geométrica, ela é debate ou explicação, com um meio

em que há fugas, vazios, esquivamentos e resistências inesperadas. A saúde na medida em que diversas formas de viver sejam históricas, cultural ou individualmente determinadas, apresentam-se como possibilidades distintas de normalidade. Desta forma, Canguilhem considera a doença como uma regra da vida, e que a saúde estaria relacionada à forma pela qual o indivíduo reage aos eventos de vida, instituindo novas possibilidades de ser e de viver.

Os Psicólogos Sociais Athayde & Neves (2010, p. 249), com base nas elaborações teóricas de Canguilhem, ressaltam que o ponto de partida para se discutir saúde deve ser a vida, o ser vivo e a mobilização de suas forças, para tirar de dentro de si, das suas raízes, as energias necessárias ao viver. Deste modo, eles acreditam “falar de saúde é falar de um cotidiano que demanda uma mobilização de corpo e alma, de energia de sangue de ossos, de músculos, de memórias, de desejos, de ódios”.

Nessa mesma linha de pensamento, o psiquiatra e psicanalista Francês Christophe Dejours (1986) afirma que:

O estado de saúde não é certamente um estado de calma, de ausência de movimento, de conforto, de bem-estar e de ociosidade. É algo que muda constantemente e é muito importante que se compreenda esse ponto. cremos que isso muda por completo o modo como vamos tentar definir saúde e trabalhar para melhorá-la. Isto significa que, se quisermos trabalhar pela saúde deveremos deixar livres os movimentos do corpo, não os fixando de modo rígido ou estabelecido de uma vez por todas (DEJOURS 1986, *Apud* LUNARDI 1999, p. 08).

Para o autor, a nossa constituição genética é atravessada pelas fragilidades psíquicas e somáticas, mas a realização dessa herança depende dos determinantes socioambientais. Sabemos que fatores culturais e históricos juntamente com outros, biológicos e ambientais, contribuem para a produção de subjetividades e que cada sociedade elabora suas próprias distinções sobre os padrões de normalidade, desvio e anormalidade. Contudo, é da interação dialética entre história, cultura e biologia, que surgem as bases para a compreensão dos fenômenos que dizem respeito ao campo da saúde. Para Athayde e Neves (2010, p.249), “existe um espaço de conquista ou de construção de saúde pelos humanos que atravessa todo o período de vida.”

Dejours (1994) afirma que o estado de completo bem-estar físico, mental e social, posto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), deve ser visto sempre como um objetivo a atingir, uma luta constante para construir as possibilidades de realização dos desejos. O referido psicanalista direciona a sua abordagem para o campo da saúde mental e a relação dela com o mundo do trabalho. Assim, as discussões sobre saúde mental, subjetividade e trabalho se apresentam como um campo em construção, apesar de já dispor de diferentes linhagens teóricas,

entre elas a Psicodinâmica do Trabalho, que é o fio condutor deste estudo e que está apresentada no próximo item.

2.2 Relação entre Saúde, Subjetividade e Trabalho: As Contribuições da Psicodinâmica do Trabalho

No campo de estudo das relações entre saúde mental e trabalho, certamente cabe reconhecer as grandes contribuições de uma abordagem recente no cenário acadêmico, mas que vem se impondo pela qualidade de sua produção teórica, pela riqueza de suas formulações metodológicas bem como pela relevância de suas descobertas. Trata-se da Psicodinâmica do trabalho que se edificou na França a partir dos estudos realizados pelo psicanalista Christophe Dejours. A psicodinâmica do trabalho é mais do que um estudo voltado para a identificação de doenças mentais específicas, correlacionadas à profissão ou situações de trabalho. Ela assume uma dinâmica mais abrangente, que se refere à gênese e às transformações do sofrimento mental vinculadas à organização do trabalho.

Assim, rompendo com os modelos provenientes do behaviorismo e do stress – modelos em que se alicerçava a psicopatologia clássica, a psicodinâmica do trabalho emerge como campo de estudo assentando-se na sociologia, e buscando também algumas contribuições da *Psicanálise*.

As produções teóricas de Dejours (1994) enfatizam a importância da subjetividade no entendimento de como os indivíduos vivenciam as situações de trabalho constrangedoras que estariam na origem do sofrimento patogênico. Em outras palavras, o teórico chama a atenção para a importância da compreensão das questões referentes à organização do trabalho, à relação dos sujeitos com o processo de trabalho, o sofrimento ocasionado pelo confronto com essa realidade e as defesas elaboradas frente a esse sofrimento.

O psicanalista considera que o trabalho não é apenas fonte de doença e de infelicidade, mas, ao contrário, também pode ser operador de saúde psíquica e de prazer. Deste modo, o trabalho jamais é neutro em relação à saúde, podendo assim favorecer tanto a doença quanto a saúde.

Dejours (1994), ao analisar a categoria trabalho no cenário atual, afirma que a organização do trabalho, nas sociedades industriais, apresenta-se como danosa à saúde psíquica. Para uma melhor compreensão dos efeitos do trabalho na saúde mental dos trabalhadores, consideramos importante fazer uma análise da categoria trabalho e sua importante contribuição na construção da saúde, na formação da subjetividade e identidade social dos seres humanos.

Os diversos significados que o trabalho teve no decorrer da história dos seres humanos têm sido amplamente debatidos por teóricos e pesquisadores das ciências humanas e da saúde, contribuindo para o aprofundamento e o enriquecimento das complexas questões que atravessam essa temática. Conforme ressaltam Neves et.al. (2004), o trabalho, ao fazer a mediação entre o processo de relações do homem com a natureza e dos homens entre si, torna o homem verdadeiramente humano. Nesse sentido, o ser humano é produto de uma base natural, por seu nível de desenvolvimento biológico, que não se dá isoladamente e sim em interação com a natureza e o mundo material que o cerca, e de uma contínua transformação social dessa base, ou seja, “o homem é tanto produto quanto criador da sociedade” (NEVES et al., 2004, p.19).

Para Neves, o que distingue o trabalho humano do trabalho animal é que naquele há consciência e intencionalidade, enquanto os animais trabalham por instintos, nessa concepção genérica do homem, podemos identificar a compreensão do trabalho enquanto meio de sobrevivência e uso das potencialidades criadoras do homem. Nesse sentido, o trabalho assume múltiplas e diferenciadas conotações no decorrer da história das sociedades humanas, ou seja, as concepções e práticas de trabalho ganham sentido a partir de uma configuração social, política e econômica.

Buscando compreender o sentido do trabalho e a sua importância para saúde e construção identitária do trabalhador, Dejourns (1994), partindo de uma análise psicodinâmica, aponta para elementos que auxiliam na compreensão da *organização do trabalho* e da *vivência* dos trabalhadores que nela desenvolvem suas atividades e passam grande parte de sua vida. Segundo o autor, a organização do trabalho é a principal responsável pelo surgimento de experiências danosas ou não ao psiquismo do trabalhador. O trabalho desenvolvido em certas condições exerce pressão psíquica sobre o trabalhador, gerando *sofrimento* devido ao confronto entre expectativas e projetos de vida do mesmo e uma determinada organização do trabalho que não abra espaço para que eles sejam considerados.

Desse modo, Dejourns (1994) aponta para o caráter estruturante que o trabalho pode adquirir, dependendo da forma como esteja organizado.

(...) o trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito (...). O trabalho não é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, ele é também um espaço de construção do sentido e, portanto, de conquista da identidade, da continuidade e historicização do sujeito (DEJOURS&ABDOUCHELI, 1994, p. 43).

Os autores compreendem que todo trabalho pode ser fonte de sofrimento, de sobrecarga, mas também funcionar como fonte de equilíbrio, de prazer, contribuindo para construir a

identidade do sujeito. O autor considera que a organização do trabalho resulta das relações intersubjetivas e sociais dos trabalhadores com as organizações. Sendo um dos dispositivos necessários à construção identitária. Dejours (1994) afirma que o trabalho é um elemento central na constituição da saúde, da identidade, além de ser uma ponte que liga sujeito e sociedade.

De acordo com Wisner (1987 *Apud* NEVES et al., 2004) e Laurell (1989), a carga de trabalho é resultante da conjunção de elementos do processo de trabalho que interagem dinamicamente, bem como o corpo do trabalhador. Para Laurell (1989) a carga de trabalho provoca processos de adaptações que se interpretam como desgaste, entendido como perda da capacidade potencial, corporal e psíquica. Sendo assim, os processos laborais e diversas alterações tecnológicas no mundo do trabalho são fontes geradoras de exaustão e tensão para um dado grupo.

Wisner (1987 *Apud* NEVES et al., 2004) relata que a carga de trabalho é subdividida em três dimensões: física, cognitiva e psíquica. “A interação dinâmica e potencialização das cargas determinadas pela lógica global do processo de trabalho produzem desgaste sobre os processos biopsicossociais, que podem ou não expressar em patologias” (WISNER 1987, LAURELL 1989 *Apud* NEVES et al., 2004, p.21).

Conforme já mencionamos anteriormente, para Dejours, a organização do trabalho pode ser considerada a principal responsável pelo surgimento de experiências danosas à integridade psíquica do trabalhador. Organização que de acordo com Dejours & Abdoucheli (1994, p. 125) “por um lado a *divisão do trabalho*: divisão de tarefas entre os operadores, repartição, cadência e, enfim, o modo operatório prescrito; e por outro lado a *divisão de homens*: repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle, etc.” e que para o autor “as pressões ligadas às condições de trabalho têm por alvo principal o corpo dos trabalhadores, onde elas podem ocasionar desgaste, envelhecimento e doenças somáticas”.

Dejours (1992 *Apud* NEVES et al.,2004) passa a adotar o conceito de *situação de trabalho* para se referir a um conjunto complexo incluindo a dimensão técnica, a organização e as relações de trabalho. E que essa questão em pauta diz respeito ao entendimento dos recursos usados pelos trabalhadores para suportar e não adoecer devido às pressões psíquicas do trabalho, ou seja, para se manterem no campo da normalidade. “Essa normalidade, que se constitui em um enigma, em vez de ser interpretada como equilíbrio psicológico (como saúde), é inteiramente atravessada pelo sofrimento psíquico” (NEVES, 2004, p.29).

Conforme sinaliza Dejours (1994) as condições de trabalho têm por alvo principal o corpo. A organização do trabalho, por outro lado, atua em nível do *funcionamento psíquico*. E

que a divisão das tarefas e o modo operatório incitam o sentido e o interesse do trabalho para o sujeito, enquanto a divisão de *homens* requer, sobretudo, as relações entre pessoas e motiva os investimentos afetivos, “o amor e ódio, a amizade, a solidariedade, a confiança etc.” Em relação à expressão,

Funcionamento psíquico, do ponto de vista teórico, partimos de um modelo que faz, de cada indivíduo, um sujeito sem outro igual, portador de desejos e projetos enraizados na sua história singular que, de acordo com aquilo que caracteriza a organização de sua personalidade, reage à realidade de maneira estritamente original. (DEJOURS&ABDOUCHELI 1994, p. 126).

A referência à teoria psicanalítica do funcionamento psíquico tem, portanto, segundo Dejours (1994), um interesse duplo. Primeiro, vai permitir proceder à investigação dos processos psíquicos mesmo quando o sujeito não sofre de doença mental descompensada mencionando que seja diferentemente da psiquiatria clássica; em segundo ela respeita no sujeito a irredutibilidade de sua história singular e sua competência psicológica para reagir de modo original às pressões patogênicas das quais ele é alvo.

Para que uma investigação da relação trabalho e saúde mental seja possível, é necessário, inicialmente, uma ruptura com estes modelos médicos e psiquiátricos clássicos, que não podem ser operacionais a não ser com a condição de terem cortado previamente o sujeito do referencial sócio histórico no qual ele está inserido. Para Dejours (1994, p.47):

É necessário, considerar no trabalho a dimensão organizacional, isto é, a divisão das tarefas e as relações de produção. Em outras palavras, para penetrar no campo da relação entre trabalho-saúde mental será necessário considerar, antes de tudo, dentro do trabalho, aquilo que o especifica como *relação social* e aí tentar articular um modelo de funcionamento psíquico, que arranje um lugar teórico específico para a interface singular-coletivo (DEJOURS, 1994, p.47).

Para o autor, o campo de investigação que se trata de explorar aqui diz respeito a sujeitos, que, apesar das pressões que devem enfrentar, conseguem evitar a doença e a loucura. Tratando-se, portanto, de estudar um campo psicopatológico não ocupado pela loucura e sim aquele da *normalidade*. Pois, “a normalidade dos comportamentos não implica a ausência de sofrimento e o sofrimento, além disso, não exclui o prazer”, isto quer dizer que a instrumentação metodológica e teórica deveria ser consideravelmente revista, apoiando-se sobre o que poderemos designar com o nome de *psicopatologia da normalidade* (DEJOURS, 1994 p.47).

De acordo com Dejours & Abdoucheli (1994), a potencial capacidade criadora e imaginativa que o sujeito tem de dar sentido à situação de trabalho relaciona-se com a sua

história de vida, e pode ser utilizada como uma forma de enfrentamento da situação do trabalho, para poder se manter no campo da normalidade.

Explicitando de forma mais detalhada, podemos dizer, a partir de Dejours (2006), que o trabalhador na luta contra o sofrimento ocasionado pelas situações de trabalho, elabora o que o estudioso chama de *defesas*, que podem ser individuais ou coletivas. Os trabalhadores lançam mão dessas defesas, inconscientemente, na tentativa de lutar contra o sofrimento psíquico, contra a falta de sentido das tarefas e contra os riscos ocasionados pela organização do trabalho.

Dejours & Abdoucheli (1994) chamam atenção também para a existência do chamado *sofrimento criativo*, um tipo de sofrimento que, diferentemente do que se pensa, não necessariamente apresenta um caráter patógeno, negativo. Sofrimento que surge quando da elaboração de soluções criativas e originais, por parte do sujeito, e que geralmente são favoráveis tanto à produção no trabalho quanto à sua saúde.

Nessa perspectiva, podemos perceber que os sujeitos não são necessariamente passivos diante da rigidez das normas e da relação hierárquica no ambiente do trabalho. Pelo contrário, são capazes de reagirem e organizarem-se mental, afetiva e fisicamente, investindo *sentido* em sua relação com o trabalho. Sentido que é produzido a partir de suas histórias passadas, suas experiências afetivas anteriores, além de expectativas do momento presente (DEJOURS, 2006).

Para o teórico, os processos psíquicos que são agenciados na elaboração das soluções criativas podem estar também combinados com a mobilização da chamada *inteligência prática* ou inteligência do corpo, que se fundamenta na percepção e intuição do sujeito, além da experiência adquirida no cotidiano de suas atividades laborais. Para Dejours (2006), isso é uma espécie de inteligência astuciosa que necessita tanto de requisitos individuais quanto sociais, mediante o reconhecimento social de seu trabalho e de suas habilidades, tanto por parte da hierarquia quanto por parte dos colegas de trabalho (seus pares) ou da comunidade em que está inserido

Para concluir essa exposição dos principais conceitos e ideias da psicodinâmica do trabalho, podemos dizer que para essa abordagem teórica o ser humano é virtualmente um sujeito pensante. Não é um ser passivo e submisso às pressões organizacionais, em virtude de um determinismo sociológico ou tecnológico. Fundamentalmente, o sujeito pensa sua relação com o trabalho, produz interpretações de sua situação e de suas condições, agindo sobre o próprio processo de trabalho, contribuindo para a construção e evolução das relações sociais de trabalho.

Nessa perspectiva, a abordagem psicodinâmica diferentemente das abordagens behavioristas ou fundamentadas no conceito de stress, que tentam dar conta das condutas e das

relações homem-trabalho, a partir de um esquema causalista do tipo ambiente-comportamento, procura elucidar as complexidades das condutas singulares, das construções coletivas e das articulações entre os dois registros, o do singular e o do coletivo. Dessa forma, a dinâmica das relações sujeito/organização do trabalho poderá ocupar um lugar significativo no processo de reapropriação e de emancipação de um homem sempre em luta contra a ameaça de tornar-se doente, sempre em busca de ocasiões para trazer uma contribuição original à construção do social (DEJOURS & ABDOUCHELI, 1994).

2.3 Saúde e trabalho docente

Estudos realizados pela organização internacional do trabalho (OIT), em vários países, sinalizam para um quadro de precarização e excludência, no qual se visualiza a deterioração progressiva das condições e da organização do trabalho dos professores e professoras. Esse quadro tem causado altas implicações na relação entre trabalho e saúde, que vem sendo estudada sob diversas perspectivas teóricas metodológicas. Aqui, nos debruçamos nos estudos produzidos pela pesquisadora Mary Yale Neves (1999). Para Vasconcelos e Neves:

no que se refere à realidade brasileira, estas condições se agravam com a intensificação do investimento no número de vagas para os alunos, em especial a partir do ano de 1997. Tal política é fundamentalmente assegurada pelas alterações determinadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9.394/96, que delega aos governantes a decisão sobre a proporção de número de alunos por professores, não impondo nenhum limite. Associada a esta flexibilidade, a LDB passou a adotar, a partir de 1998, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), nos municípios. O FUNDEF vincula o repasse da receita dos impostos ao número de alunos matriculados no ensino fundamental regular, ou seja, quanto maior o número de alunos matriculados, mais recursos os municípios recebem do Fundo. Em todo o Brasil, tais medidas contribuíram para o processo de municipalização desse nível de ensino, bem como para aumentar o número de alunos em sala de aula (VASCONCELOS & NEVES, 2009, p.28).

Neves (1999), em sua pesquisa, identifica que as atuais políticas públicas educacionais parecem pretender colocar o Brasil no rol daqueles países desenvolvidos que têm a educação na pauta de suas políticas governamentais, e que tentam elevar o padrão de excelência, com base em princípios empresariais. O que, contudo, vemos no dia a dia das escolas brasileiras, apesar das questionáveis investidas do governo nesse campo, é ainda um quadro de descaso e degradação do ensino público.

A realidade identificada por Neves (1999) se alinha aos dados encontrados em nossa pesquisa. Identificamos que na cidade de Monteiro – PB o crescimento do número de alunos não foi acompanhado pela contratação de docentes e funcionários em uma proporção

necessária. Isso pode ser percebido quando observamos o número de alunos nas escolas rurais do município com um quadro de aproximadamente 45 alunos em sala de aula (com espaços apertados) por professor. Essa situação, associada aos baixos salários, contribui para um quadro de deterioração das condições de trabalho, e que se camufla por gratificações aos professores efetivos ou pela contratação de professores substitutos.

De acordo com Neves (1999), nos últimos anos, os estudos que analisam os processos do trabalho docente mostram principalmente a presença significativa no meio educacional de um *mal-estar* entre os professores e professoras, devido sinais generalizados de sofrimento, sufocamento, estresse, esgotamento, ansiedade, depressão e de fadiga no trabalho. Esses sintomas manifestam-se em pessoas sem patologias anteriores, “está relacionada com as situações de trabalho, no sentido de que os professores e as professoras desenvolvem seus medos, tornando-se menos performáticos e manifestando sentimentos de incapacidade” (NEVES, 1999, p.39).

Segundo Dejours (2004), para suportar a organização do trabalho de certa forma inerente ao próprio trabalho, os indivíduos criam mecanismos de defesa psicológicas individuais e, sobretudo, coletivas que lhes permitem, de certa forma, conjurar estes sofrimentos. É apenas quando estes mecanismos falham que se manifestam as descompensações, em forma de patologias psíquicas, dependendo da história individual dos sujeitos. Reforçando o que foi explicitado no item anterior, para Dejours (2004), o trabalho pode ser uma importante fonte de saúde mental e de construção da identidade de modo que trabalhar faz bem para a saúde. Quando todo o esforço para fazer um trabalho útil e bem feito alcança o reconhecimento, tanto dos colegas quanto da organização, o trabalho é fonte de prazer e de saúde.

No final da década de 1980 e início da década de 1990, ainda que em número reduzido, mesmo no Brasil, surge um conjunto de pesquisas que amplia o quadro de análise da saúde (mental) dos professores e das professoras. Encontramos, por exemplo, pesquisa com fundamentação referencial psicanalítica, como o de Cordié (1998), na França, e de Diniz (1997), no Brasil (em Belo Horizonte). As duas autoras identificam a presença de profundo mal-estar vivenciados por professoras e professores, bem como ressaltam a existência de um sentimento de impotência resultante do trabalho. Para tanto, Cordié (1998) analisa as implicações pessoais dos educadores no exercício da função, invocando o lugar do inconsciente, e Diniz (1997) destaca as constantes ausências dos professores de sala de aula, muitas vezes, justificadas por licenças médicas (NEVES, 1999, p.41-42).

Discutindo essa questão da ausência, Diniz, segundo Neves, questiona em que medida tais ausências possibilitam que as professoras suportem o mal-estar do trabalho pedagógico ou, melhor, a grande insatisfação manifesta com o trabalho. A queixa, que é muito comum entre professores, pode expressar, segundo Neves, um lamento impotente em relação a sua realidade, reproduzindo, dessa forma, uma situação de resignação, de imobilização e de dependência (o que é, aliás, muito estimulado pela instituição escolar) ou apresentar-se como queixa-reclamação, aproximando-se, às vezes, de uma reflexão crítica sobre essa realidade.

Teóricos da psicodinâmica do trabalho consideram que o mal-estar vivenciado pelos trabalhadores docentes tem aumentado e se tornado fonte de sofrimento psíquico e muitas vezes de adoecimento. Para Neves (1999) esses problemas estão relacionados com as atuais formas de organização do trabalho e com as novas exigências cognitivas e mentais. Conforme ressalta Camargo (2010), novas formas de trabalhar geram novas formas de adoecer e o aumento dos transtornos psíquicos relacionados ao trabalho retrata bem essa realidade.

Para Mariano & Muniz (2009), os governantes de todas as esferas do poder público (federal, municipal e estadual) sabem que há existência de problemas nas escolas públicas e apresentam propostas para melhorar a qualidade do ensino. Porém, nenhuma das propostas aborda a atividade docente e as condições em que ela se processa. A preocupação maior é cumprir as metas do investimento financeiro e a participação dos professores na avaliação e nas decisões sobre o seu trabalho ficam “esquecidas”.

Neves (1999), ao destacar a realidade encontrada na atividade docente a partir de sua pesquisa com professores do município de João Pessoa-PB, aponta duas perspectivas de discussão: a primeira se refere ao sentido que se deseja e consegue imprimir à atividade do trabalho; já a segunda refere-se às possibilidades de recuperação do reconhecimento social e político de sua função docente. Desse modo, o sentido do trabalho de ensinar e a necessidade de garantir a sua sobrevivência podem auxiliar-nos na compreensão pela escolha e pela permanência de grande parte desses professores no magistério, bem como suas vivências de prazer e sofrimento.

Portanto, diante do quadro que se apresentou até aqui a partir das pesquisas realizadas nessa área onde o professorado público encontra-se, como já sinalizado, passando por uma crescente desvalorização e desqualificação do seu trabalho, mas ainda demonstrando capacidade de reação e luta contra o adoecimento, denota-se a importância de ampliação de estudos nesta área, especificamente no que se refere aos processos de subjetivações no mundo do trabalho e suas relações com a saúde dos trabalhadores docentes em lugares que não são os grandes centros.

3 O CAMINHO PERCORRIDO

3.1 Perspectiva Metodológica

Na realização deste estudo, optamos por procedimentos metodológicos de cunho qualitativo, pois compreendemos a partir de Dejours (1994) que a análise de elementos subjetivos da experiência humana implica a adoção de procedimentos eminentemente qualitativos tendo em vista que a dinâmica e complexidade das vivências subjetivas não podem ser quantificadas através de análise estatística.

Nessa mesma perspectiva, Minayo (2000) assinala que o caráter qualitativo, nas ciências humanas e sociais, preocupa-se com um nível da realidade que não pode ser quantificado. Busca aprofundar o mundo dos significados das ações e relações humanas, sendo, portanto, um aspecto não perceptível em equações, números e estatísticas. De acordo com a autora,

a rigor, qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto: o aspecto qualitativo. Isso implica considerar sujeito de estudo: gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação (MINAYO, 2000, p.22).

No âmbito das ciências humanas, evidenciamos a existência de um quadro polêmico no que se refere ao critério de *representatividade* na pesquisa qualitativa, pois, nessa, as questões de *representatividade e generalização* são concebidas como um processo subjetivo, e não como ato de inferência lógica e estatística que possibilite fazer generalizações. Neste sentido, para Minayo (2000), na abordagem qualitativa, o critério de representatividade não é numérico, diferentemente da quantitativa. A amostra ideal é aquela capaz de refletir a totalidade em suas várias dimensões.

Ao abordar sobre a representatividade, a autora ressalta que cada ator social vivencia e conhece o fato de forma peculiar. Assim, é o conjunto de diferentes informações individuais vivenciadas em comum, por um grupo, que possibilita formar o quadro global das estruturas e das relações, onde a simples soma dos elementos não se constitui como o fator mais importante, e sim a compreensão dos modelos culturais e das particularidades das determinações. Neste aspecto, a quantidade é substituída pela complexidade, isto é, pela imersão profunda nos fatos, alcançando um nível de compreensão que não poderia ser atingido numa abordagem quantitativa.

A pesquisa qualitativa, portanto, responde a questões muito particulares, pois se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis (MINAYO, 2000).

3.2 Contextualização das escolas pesquisadas

Com a intenção de analisar as inter-relações do processo de trabalho, a produção de subjetividades e a saúde mental dos professores do ensino fundamental da zona rural da rede pública municipal de Monteiro-PB, realizamos uma pesquisa em quatro escolas, que por motivos de preservação dos nomes, são identificadas aqui como Escola 1 (E1), localizada em um sítio a 18 km do centro, E2 também com a mesma distância, E3 a 27 km da cidade e a E4 localizada a 19 km da cidade.

Fazendo uma breve caracterização das escolas em que realizamos a pesquisa, podemos dizer em linhas gerais, que elas não diferem muito entre si em termos de estrutura física, equipamentos, condições de trabalho. Cada uma dessas escolas, no entanto, apresenta suas singularidades. A E1 tem 146 alunos, 8 professores e 5 funcionários. Uma escola que para a estrutura física o número de alunos é excessivo. Funciona o fundamental I e II, mais as carteiras são adequadas apenas para os alunos do fundamental I, pois em anos anteriores só atendia o alunado do Fundamental I. A E2 tem 143 alunos, 7 funcionários, e 8 professores. Já a E3 tem 214 alunos, 14 professores e 1 professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado) com 6 funcionários e a sua estrutura é tida com o modelo padrão pelo governo federal, essa escola foi construída recentemente. Esse projeto do governo destina-se à orientação para a construção de escola de um pavimento com 06 salas de aula, Espaço Educativo Rural e Urbano de 06 Salas de Aulas, que está sendo implantada nas diversas regiões do Brasil. O Ministério da Educação, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da educação (FNDE), presta assistência financeira aos municípios, com caráter suplementar, objetivando a construção e o aparelhamento destas escolas. É estruturada com capacidade de atendimento até 360 alunos, em dois turnos (matutino e vespertino), e 180 alunos em período integral. Foi considerada como ideal a implantação dessas escolas em terreno retangular com medidas de 80m de largura por 50m de profundidade e declividade máxima de 3%.

A E4 conta com 120 alunos, 11 professores e 4 funcionários, uma escola que também foi construída recentemente com o modelo padrão do governo federal. Importante ressaltar que as quantidades de alunos foram mencionadas no total das escolas citadas, mas são divididos em fundamental I e II, porém a nossa pesquisa foi realizada apenas com professores do fundamental II.

As escolas E1 e E2, em termos de estruturas, são bem parecidas, a infra-estrutura delas está um pouco precária principalmente a E2 (acreditamos que logo mais devido às chuvas que está havendo na região não terá como funcionar), sem espaços para a grande quantidade de alunos em salas pequenas. Na E1 tem uma quadra que podemos dizer que ela funciona como espaço de lazer para os alunos, mas não é coberta, e muitas vezes por estar chovendo muito ou quando o sol está quente demais, não pode ser utilizada pelos alunos. Os relatos que nos foram passados, é que nas escolas têm materiais didáticos para trabalhar, mas os espaços físicos muitas vezes os impossibilitam de realizar atividades que eles acreditam que seriam essenciais que acontecessem. Por não ter uma biblioteca, não há como ter livros expostos, poder pegar algum livro para ler, pesquisar fazer rodas de leituras.

As escolas também apresentam limitações de espaço na parte administrativa. Vimos que a secretaria, direção e sala dos professores funcionam em uma única sala, fato que parece dificultar o trabalho dos profissionais. Estão na espera da construção de uma escola com mais qualidade para que eles possam desenvolver e melhorar suas atividades, disseram até que iniciaram as obras, mas está parada há muito tempo, ressaltam que “o sonho continua”. É notório que, mesmo diante das condições de trabalho para os trabalhadores nessas instituições, toda a equipe que faz parte delas, faz seu trabalho com amor, observamos um clima de harmonia e respeito no grupo pesquisado.

Já nas escolas E3 e E4, vimos que os recursos e equipamentos das duas escolas são bem estruturados, há mais professores, com uma infra-estrutura adequada para todos por serem escolas que já estão reformadas de acordo com o modelo padrão do governo, não conhecemos a estrutura das mesmas antes, pois no momento da pesquisa já se encontram instalados nos prédios novos, como foi mencionado os professores não reclamaram da estrutura, relataram que é uma maravilha ter uma escola com aquele espaço em uma zona rural, as condições de trabalho são bem favoráveis a esses profissionais. Nota-se também uma grande interação harmoniosa no trabalho em equipe.

3.3 Geração de dados

Para operacionalização deste estudo, utilizamos, como procedimentos e instrumentos metodológicos no desenvolvimento de trabalho de campo, entrevistas individuais de caráter semi-estruturado. Inicialmente, já com o roteiro previamente elaborado, partimos para a realização das entrevistas, observando as diferentes expressões subjetivas desses professores, captadas via falas, gestos e silêncios.

A escolha desses professores que seriam entrevistados deu-se a partir de determinados critérios, tais como: escola municipal com localização diferenciada, sexo, idade, tempo de experiência docente. O contato com esses professores foi viabilizado tendo como mediadores, alguns ex alunos do Campus VI da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que hoje são professores do município e ainda mantém vínculo com a Universidade, como também tivemos a colaboração de professores do referido Campus que realizam trabalho nas escolas municipais de Monteiro. Após as indicações, procurávamos manter contato com os professores e marcávamos encontro para que pudéssemos apresentar a pesquisa e pedir a colaboração para a efetivação do estudo. Além disso, tentamos o contato de uma maneira mais formal. Fomos à secretaria de educação do município apresentar a nossa pesquisa. Após várias idas a esse espaço, conseguimos expor nossa pesquisa para a Secretária de Educação e obtivemos o consentimento para realização do estudo.

Do total de docentes que trabalham nas escolas pesquisadas, selecionamos 11 (onze) professores para compor a amostra. Após essa seleção, foram realizadas entrevistas com duração de 15 e 40 minutos. Vale ressaltar que durante as entrevistas houve grande preocupação por parte da pesquisadora em não influenciar nas respostas dos entrevistados. Após cada entrevista que realizávamos eram feitas as transcrições e consideramos esse processo como enriquecedor, porque, ao transcrever, já conseguíamos processar melhor os depoimentos dos professores e as análises dos dados eram iniciadas mentalmente.

Os professores mostraram-se muito interessados em contribuir com a pesquisa, e surpresos em saber da existência de pessoas interessadas em estudar a relação saúde e trabalho docente. Eles viabilizaram a efetivação dos encontros, favorecendo-nos o acesso a seus depoimentos que aconteceu dentro e fora das escolas. A receptividade e atenção conosco foram gratificantes. Ao chegarmos no ambiente de trabalho deles, antes de tudo, abríamos um canal de comunicação conversando informalmente para facilitar a interação entrevistador-intervistado. No decorrer da pesquisa, conhecemos a estrutura física das escolas e as equipes de profissionais que realizam suas atividades diariamente. Ao chegarmos nas escolas, fomos

sempre bem acolhidos e de forma gradativa fomos conhecendo mais de perto as condições de trabalho e a forma como os professores se mobilizam subjetivamente para enfrentar as adversidades que surgem e os desafios relacionados às singularidades da realidade escolar na zona rural.

Houve a recusa clara de concessão da entrevista por parte de alguns professores da rede pública municipal. A desconfiança inicial manifestada, de maneira bastante incisiva, via questionamentos acerca do papel da Universidade, assim como dos objetivos e retorno desta pesquisa para as escolas. Foram cerca de dois meses tentando realizar entrevistas com esses professores. Muitos por serem contratados se recusavam de imediato afirmando que não poderiam fazer entrevistas, e suas palavras eram “minha filha, me desculpe, mas tenho contrato e gostaria de não me envolver”. Outros procuravam saber algo sobre o que estava sendo pesquisado, como foi mencionado antes, fazendo alguns questionamentos a respeito da pesquisa e, após nossos esclarecimentos, mostravam-se interessados em contribuir.

Houve momentos em que eles marcaram encontros, mas, quando chegava o dia não compareciam ao local combinado, ou, às vezes, informavam seus dias de aula errado na escola e quando chegávamos lá eles não eram encontrados. Procurávamos informações e ficávamos sabendo que era o dia da folga. Mesmo sabendo que a pesquisa era para um trabalho de conclusão de curso, percebíamos o medo de serem entrevistados provocando assim movimentos de resistência e recusa.

Podemos dizer que o processo de coleta de dados foi um momento rico em termos de experiência como pesquisadora e também como estudante concluinte do Curso de Letras. Conforme sinaliza Neves (1999, p. 95) “reiteramos a importância da experiência humana, em particular a que caracteriza nossa espécie: a prática de reflexão sobre a prática - a mais significativa entre as práticas”. Diante da experiência vivenciada nesse processo, com todas as alegrias e impasses, é digno dizer o quanto gratificante é conhecer e vivenciar um pouco da realidade desses profissionais, com intuito de contribuir na compreensão da realidade vivenciada por esses docentes no que diz respeito às questões ligadas a promoção de saúde mental no ambiente de trabalho.

4 A DOR NO PRAZER DE SER (TORNA-SE) PROFESSOR: CLÍNICA EM SALA DE AULA, DIZERES DOCENTES

4.1 Análises e Discussão dos Resultados

4.1.1 Inserção Profissional: Como eles chegam ao magistério?

Estiveram nesta pesquisa, professores das escolas públicas municipais da zona rural de Monteiro – PB, que atuam em quatro escolas diferentes. Participaram da amostra 11 professores no total. Foram entrevistados 03 do sexo masculino e 08 do sexo feminino. O que vem corroborar com os estudos citados até aqui.

A presença das mulheres no campo educacional é notadamente numerosa, sobretudo na primeira fase do ensino fundamental. Em nossa pesquisa, cujo foco é no fundamental II, observamos que embora a inserção do público feminino seja predominante, há uma presença do sexo masculino.

Em relação a inserção dos professores na carreira docente Brito et al. (2001) sinalizam com base em suas pesquisas que a escolha ocorre a partir de diversos fatores, como: vocação, realização pessoal, necessidade socioeconômica, por ser um emprego/cursos mais acessível e por responsabilidade social. Observamos uma similaridades dos dados apresentados pelos autores acima com os fatores que os entrevistados destacaram em seus depoimentos: encantamento pela profissão, vocação, curso mais acessível, responsabilidade social. Vejamos seus depoimentos:

Eu entrei no curso de letras ...aaa..imagino como a maioria das pessoas, (hum.. pensativo) não com a intenção de ser professor, certo? Porém ao contrário das pessoas, pelo menos ao que me parece, pessoas que não querem exercer, entram porque o discurso é, não tinha outro curso que eu queria fazer, então estou fazendo letras, no fundo no fundo eu queria letras, mas porque eu queria ser escritor e evidentemente não ia dizer para ninguém isso, porque se eu dissesse isso em casa, já era um pouco complicado fazer um curso que era e ainda é desvalorizado, principalmente para as pessoas da minha família, minha mãe não, mas meu pai sim, ai dizer que está fazendo letras porque queria ser escritor, seria algo horrível e eu dava a mesma desculpa que o povo dava, aaah não tem outra coisa para fazer vou fazer letras, eu fingia que estava fazendo porque não tinha outra coisa, mas no fundo no fundo eu queria mesmo fazer letras, ANN..., mas eu não queria ser professor, mas ai com o tempo, com experiência na instituição entrei em projetos como o pré-vest na época que hoje é pró-enem, com estágios, com aulas, atuando como professor substituto algumas vezes, eu fui mordido pelo bicho da docência (expressão alegre) e ai eu me encantei com a sala de aula, me apaixonei e nunca mais quis sair, e hoje eu adoro estar em sala de aula.

Nesse relato, identificamos a opção pelo magistério como uma verdadeira escolha que não se deu por influências externas, mas, por interesses próprios. Dessa maneira, com a vivência/experiência da sala de aula o/a entrevistado(a) descobriu-se com seu encantamento pela docência. É perceptível nesse depoimento o medo atrelado a desvalorização da profissão, e mesmo sendo o curso que realmente queria, o/a entrevistado (a) teve que usar como disse as mesmas desculpas que outros usam para a sociedade, “que por falta de opção estaria cursando Letras”. O impacto negativo que poderia causar ao revelar sua aspiração profissional fez com que acabasse omitindo o seu real objetivo no curso e diante das experiências na sala de aula, fez com que ele (a) mudasse de certo modo a visão de ser professor. Pois, antes queria ser escritor, e devido ao contato com a sala de aula, foi “mordido pelo bicho da docência”. Nesse momento da entrevista a sua expressão facial era de alegria e realização. Desse modo, as motivações pessoais para a atuação na educação são indicativas de sentidos da docência, articulando-se com as concepções de educação e configurando uma das dimensões da identidade profissional.

A inserção profissional também é vista como uma vocação segundo um dos entrevistados, quando diz: *Eu foi por opção mesmo, eu sempre disse que queria ser professor e até hoje estou na área.* A opção pelo magistério é vista como uma escolha pessoal, associada à vocação, a um dom que ainda é despertado na infância. De acordo com a autora Neves (1999), o caso de referência a uma “vocação”, nota-se a imprecisão e a ambiguidade do termo que favorece a dissimulação de determinações sociais (influências externas) condicionantes da “escolha” de tal profissão.

Como ressalta Neves (1999), os professores ao associarem a inserção à vocação, missão, dom divino, parecem ignorar ou negar os determinantes econômicos, sociais e culturais que atravessam a “escolha” do magistério. Nessa mesma linhagem, Assunção (1996, *Apud* NEVES, 1999, p.15) afirma “elas não escolheram. Ao escolher, estavam sendo escolhidas. Paradoxalmente à ênfase dada por elas na ‘escolha’, como se tivesse verdadeiramente ocorrido, a ‘vocação’ remete-nos à ideia do ‘ter sido escolhida’; a priori, uma vez tratar-se de algo ‘dado’, inato, divino”. Para esses autores, na verdade, o que ocorre é uma negociação do sujeito quanto ao ideal e o possível, na qual a “vocação” se converte na “escolha” da profissão de ser professor, favorecendo a dissolução do conflito em relação a uma suposta “legítima vocação” e constituindo-se em um meio para sua ascensão social.

Na mesma linha de percurso, percebemos que a escolha pelo magistério também se dá por ser um campo mais acessível que outros cursos, segundo os entrevistados.

(...) Assim foi o que dava pra fazer, eu pensava em outros cursos como direito ou engenharia de minas, que eu era louca pra fazer esses cursos. Mas eu vi que não dava naquele tempo era muito difícil não tinha essa questão de facilidade de transporte que tem hoje só tinha em Campina Grande e eu tinha, que deixar minha casa e eu tomava conta de uma pessoa que me criou e era doente aí eu resolvi fazer em uma cidade perto de casa porque eu ia todo dia e voltava pra casa.

Primeiro assim o curso de letras foi escolhido não por uma opção digamos assim na época que eu estudava no estadual e que terminei a universidade estava recém instalada aqui em Monteiro e nisso eu prestei o segundo vestibular não tinha outras opções de curso e nisso eu acabei prestando para o curso de letras só que ao ingressar no curso eu me apaixonei eu me identifiquei demais com a docência e assim que terminei o curso já ingressei no magistério e não me vejo fazendo outra coisa, me vejo na docência ensinando.

Assim eu fui fazer vestibular (pensativa)... eu tinha vontade de fazer veterinária, mas quando fui fazer só dava para fazer para ser professor ou de matemática ou ciências biológicas por que não tinha outra opção a princípio não queria ser professora de jeito nenhum, mas assim quando eu fui para sala de aula para muita gente é um trauma, mas assim eu me apaixonei quando eu fui a princípio não era o que eu queria não e me apaixonei aí fui só me aperfeiçoando e sinceramente eu gosto muito do que faço sendo sincera a você eu tô fazendo uma coisa que gosto não sou daqueles que vai para sala de aula só pra receber o salário eu trabalho e gosto do meu trabalho e do que eu faço.

Portanto, devido à formação profissional disponível, para os entrevistados ser muito reduzida na cidade do interior, e isso é um determinante econômico e social, tendo em vista que alguns não têm condições de se deslocar para centros maiores onde teriam mais opções, o magistério torna-se o caminho mais viável para o mundo do trabalho. A necessidade fala mais alto, levando muitas vezes garantir a sobrevivência da família com a atividade docente adquirindo depois, de certo modo, segundo os depoimentos não só gosto e encantamento pela profissão, mas, uma construção identitária.

Na verdade, o magistério apresentou-se como a escolha possível dentro de um campo de possibilidades para a maioria desses professores, uma vez que boa parte deles em seus depoimentos argumentam que a escolha de iniciar pela formação docente era a única alternativa viável para o contexto socioeconômico em que eles estavam inseridos.

4.1.2 O processo de trabalho: o dia a dia dos professores da zona rural

Para Dejours (1992), a vivência subjetiva do trabalhador possui lugar de destaque na relação saúde/trabalho devido à importância do funcionamento do aparelho psíquico para a economia psicossomática. Observamos que os sujeitos da pesquisa fizeram alusão aos desgastes físicos e emocionais que são produzidos em seu cotidiano de trabalho. A partir dos

depoimentos, podemos levantar, portanto, um conjunto de queixas acerca da situação/carga de trabalho.

Assim é desgastante, professor sofre muito. A gente trabalha muito nos finais de semana tá exausta com tanta coisa, doida pra chegar umas férias ou feriado.

A carga de horária do trabalho professor hoje eu acho pesada assim porque não só é o trabalho em sala de aula. É um trabalho em casa também, porque por mais que a gente queira se desvincular não tem como porque a gente acorda planejando o que a gente vai fazer, a gente num pensa exatamente nas atividades de casa mesmo, porque a gente está lavando uma louça e já está planejando o que vai dar em sala de aula, então é muito trabalho.

Árdua, principalmente para os professores da zona rural, quando eu digo a árdua eu falo na questão do deslocamento mesmo. Principalmente agora que está bastante sofrido por conta do caminho, por conta das chuvas, tá bom para nós a chuva porque temos água, alívio na seca, mas assim para nós que se deslocam em transporte próprio que no meu caso eu vou de moto.

A sobrecarga gerada no trabalho dos professores, especificamente as professoras onde tem que dividir as tarefas domésticas com as tarefas escolares ficando todas as responsabilidades sobre elas além de outros problemas que surgem no cotidiano, está condicionada a uma questão na divisão do trabalho por sexo, que produz transformações nas relações de gênero, naturalizando, de certa forma, o trabalho feminino. Com efeito, se forem incluídos os estudos e as tarefas domésticas, as mulheres chegam a enfrentar uma tripla jornada. Nesse sentido, Kergoat (1996 *Apud* NEVES, 1999) chama a atenção para a diferença entre os papéis sociais exercidos por homens e mulheres na sociedade. Ela/ele aponta que esses papéis não são produtos de um destino biológico, mas resultantes de construções sociais, que têm uma base material. Em nossa pesquisa, vimos que os esforços físicos para se deslocar para o trabalho foram frequentemente apontados pelos entrevistados, principalmente, pelas professoras.

Dejours (1994) considera que o trabalho pode se tornar fonte de tensão e de desprazer, gerando um aumento da carga psíquica e, se não houver possibilidade de alívio desta carga por meio das vias psíquicas, ela dá origem ao sofrimento e à patologia. Sendo assim, a insatisfação no trabalho é uma das formas fundamentais de sofrimento no trabalho. Ainda segundo o autor, quando se trata de carga psíquica, o perigo principal é o subemprego de aptidões psíquicas, fantasmáticas ou psicomotoras, que ocasiona uma diminuição da energia pulsional e constitui precisamente a carga psíquica do trabalho.

Um outro aspecto da carga do trabalho que ficou evidente nos depoimentos dos professores foi a insatisfação com a sua remuneração. Segundo Esteve (1999 *Apud* NEVES, 1999), a sociedade atual estabelece o status social com base no nível salarial. Os baixos salários dos professores estudados podem ser um forte fator na crise de identidade e na insatisfação da

categoria, podendo afetar a saúde física e mental destes trabalhadores já que precisam trabalhar em duas ou três escolas para garantir a sobrevivência. Como podemos observar: a seguir.

Na verdade o que eu acho que é injusto é o salário do professor, mas assim mas dá para dar suas aulas tranquilamente mas porque são vinte horas agora assim já tive uma experiência de quarenta horas e achei terrível nem vivia só vivia preparando aula e corrigindo provas Mas vinte horas dá para desenrolar mas o que não é bom mesmo é o salário que assim não é um incentivo para a gente na verdade.

(...) a maioria dos docentes a gente percebe que eles tem dois vínculos e que se a gente for observar a carga horária de dois vínculos de um docente, com as atividades que a gente tem que levar para casa que não são poucas a gente percebe que é uma carga horária muito excessiva porque é algo que não fica apenas restringido aquela carga horária na sala de aula então tem essas atividades extras que são realizadas em casa e que muitas vezes aliás sempre aquele tempo que é destinado para as atividades extra classe esse tempo ainda é insuficiente a gente sempre demanda um tempo bem maior para realização das atividades e planejamento.

Eu acho ela exaustiva e ao mesmo tempo injusta, exaustiva porque é muito tempo dentro de sala de aula e muito pouco tempo para planejarmos. E se aumenta os planejamentos não somos remunerados por isso então a gente tem que tá sempre em casa ... eu mesmo tem dias que vou dormir duas horas, três horas porque além dessa eu preciso trabalhar em outras porque um vínculo em uma só não é suficiente, não dá pra você viver, aí trabalho na rede particular também.

A gente merecia um vale refeição, vale transporte, um auxílio creche pra quem tem criança. Porque as outras profissões num tem, porque o professor não tem? É um salário mínimo mínimo além do mais os descontos absurdos que a gente tem. É pouco em relação ao nosso trabalho que é muito.

O salário é apontado como um dos elementos mais denunciadores da desvalorização do trabalho docente. É visto pelos professores como a concretização do não reconhecimento de suas atividades por parte do governo. Essa realidade faz com que quase a totalidade dos professores pesquisados recorra a um segundo, e/ou terceiro emprego na tentativa de completar os rendimentos familiares. Nessa perspectiva, como aponta Dejours (1992), o processo de trabalho consistiu o veículo através do qual os indivíduos neles envolvidos colocam em prática suas aspirações, desejos e possibilidades. Isso é feito a partir do significado que o trabalho adquire em suas vidas. Além de se verem obrigados a enfrentar as dificuldades e responsabilidades de um trabalho assalariado, precarizado e de certa forma explorado, na medida que para ter um salário digno tem que ter no mínimo dois vínculos.

Dejours (1987, p. 78) sinaliza que “as más condições de trabalho não somente trazem prejuízos para o corpo, como também para o espírito. É de natureza mental a ansiedade resultante das ameaças à integridade física”. Entre as fontes de tensão presentes nas falas dos sujeitos entrevistados, podemos identificar que os professores tentam superar a precarização e locomoção do seu cotidiano no trabalho.

4.1.3 Fontes de Sofrimento

A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem teórica que discordando da teoria do reducionista do stress pautada numa relação causa e efeito, focaliza seus estudos na análise do sofrimento psíquico oriundo das situações de trabalho e de como os trabalhadores produzem mecanismos de defesas para evitarem o adoecimento. Conforme já foi dito, para o psicanalista Dejours, as defesas são elaboradas com o objetivo de lutar contra o sofrimento psíquico, contra a falta de sentido das tarefas, contra o perigo ocasionado pela organização do trabalho.

O conceito de sofrimento proposto por Dejours (1987) delimita um campo de investigação que não é o da doença mental, marcando, portanto, a diferença da psicopatologia clássica. O sofrimento passa a ser “concebido como a vivência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e o conforto (ou bem-estar) psíquico” (DEJOURS, 1987, p.127).

Segundo Dejours (1987), os trabalhadores elaboram defesas individuais e coletivas para lutar contra o sofrimento, de maneira que esse não é imediatamente localizável. Parte-se, assim, da compreensão de que os homens não estão passivos em relação à organização do trabalho, mas são capazes de se proteger elaborando defesas que escondem ou evitam o sofrimento que os acomete. O acesso ao sofrimento se dá exatamente via identificação dessas defesas que pode subverter o sofrimento, para transformá-lo em prazer.

Observa-se que as relações entre as situações de trabalho e a saúde transcendem o aspecto físico, atingindo também a esfera mental e sócio-afetiva. Como afirma Dejours (1992), o trabalho desenvolvido em certas condições exerce pressão psíquica sobre o trabalhador, gerando sofrimento, devido ao embate entre expectativas e projetos de vida. Ainda segundo o autor, encontramos formas distintas de sofrimento e desgaste, de acordo com o uso que os trabalhadores fazem de seu corpo e de suas potencialidades psíquicas.

Dessa forma, o sofrimento é vivenciado pelos professores de diferentes formas e está fortemente relacionado à situação do trabalho. Sabemos que nem todos suportam as dificuldades existentes, pois cada um tem seu modo de ser, de agir, de pensar e de sentir porque entra em cena a história de vida de cada um. Mas, em um contexto bem singular dos professores da zona rural tivemos relatos que vão desde vivências de sofrimento apenas momentâneas até vivências de desgaste, processos de adoecimento, física e emocional dos professores:

Tem muito Professor magoado, e às vezes eu me magoo, o professor se magoa. Porque às vezes ele passa o final de semana preparando aula, gasta dinheiro para fazer o material para imprimir, prova para imprimir, apostilas, para ele fazer a aula. E faz o melhor possível para ele fazer aula, ele assiste filme, lê livros, ele se organiza para dar a melhor aula possível e percebe que o aluno não valoriza que o aluno dorme na hora

da aula, que o aluno falta e isso o professor fica muito magoado isso é uma doença o sofrimento e faz gerar raiva.

Assim, o que eu sinto muito é que a gente planeja as aulas tudo direitinho para naquela semana, por exemplo, e que a gente nunca consegue concluir devido às dificuldades dos alunos. E assim, a gente fica triste porque, a gente nunca conclui o que a gente quer cumprir. Aquela meta, porque os alunos tem muita dificuldade de aprendizagem, os alunos faltam, aí isso para mim é desgastante porque a gente planeja faz tudo direitinho e não consegue concluir as atividades em sala de aula e é muita dificuldade e muita falta de interesse também.

Sim também porque assim nós na sala de aula tentamos fazer o melhor possível o que está ao nosso alcance a gente faz só que a gente que tipo essa semana mesmo minha pressão subiu porque eu estava dando aula estava ministrando a aula e de repente um aluno disse professora licença e já foi entrando durante a minha aula e já foi tomar satisfação com outro menino que tinha batido nele em uma situação fora da escola e aí começou aquele bate boca de resolver aquela situação dentro da minha aula e tendo que contornar tudo aquilo ali e querendo ou não isso mexe muito com o nosso emocional e eu acabei me emocionando de mais

Os depoimentos acima expostos possibilitam-nos pensar que a maior fonte de sofrimento no trabalho está relacionada à indisciplina na sala de aula. Os professores parecem que em alguns momentos perdem o controle da turma e sua autoridade é ferida. Nas análises desses depoimentos recorremos a Dejours & Abdoucheli (1994), sobre o sofrimento patogênico como vivências subjetivas que se encontram entre o bem-estar psíquico e a doença mental descompensada. Para estes autores, o sofrimento é inerente a vida humana, não podendo ser eliminado, mas apenas transformado. Ao nos referirmos a esta vivência como própria da vida humana, compreendemos que ela preexiste ao encontro com a situação de trabalho. Os docentes que participaram da pesquisa associam seu sofrimento, em primeiro lugar ao mau comportamento e a falta de interesse dos alunos, mesmos cientes de que a responsabilidade pela dedicação por parte dos alunos não compete a eles.

Segundo Neves (1999) a indisciplina e o desinteresse dos alunos, bem como a falta de acompanhamento dos pais, podem ser compreendidas a partir da análise que Esteve (1999 *Apud* NEVES, 1999) faz dos agentes tradicionais de socialização (família, e outros grupos sociais organizados). Para este autor, tais agentes têm renunciado, cada vez mais, as responsabilidades que anteriormente desempenhavam no âmbito educativo, exigindo que as instituições escolares ocupem este espaço. Com essa percepção, os professores entrevistados percebem que as famílias estão se eximindo cada vez mais da educação doméstica dos seus filhos. Dessa forma, os professores sentem-se frustrados e magoados, por não alcançarem seus objetivos em sala de aula que é mediar o processo de aprendizagem. Eles expressaram tristeza por ver que a grande parte dos alunos não querem aprender. Ciente dessa situação uma professora ressalta: *é preciso que os três lados se dediquem, nós professores, a família e os alunos para que o ensino e aprendizagem realmente aconteçam de fato.*

Também associam seu sofrimento psíquico a sobrecarga de trabalho que estão submetidos e as pressões exercidas pela organização do trabalho, conforme podemos observar nos trechos seguintes:

O sofrimento físico que é esse deslocamento do professor, as chuvas, as lamas, as quedas, éee sofrimento psicológico acho que quando você lida com gente, os próprios profissionais quando é difícil a relação e quando o sistema também, porque se mostra muito bonitinho mas na verdade recai tudo para o professor em sala de aula, as cobranças, a carga.

Existe um certo tipo de sofrimento principalmente por causa da distância, o deslocamento é doloroso, a gente chega cansada demais em casa, principalmente eu e outras colegas que somos de outra cidade, além da distância da nossa cidade para monteiro, ainda vamos para a zona rural que dificulta bastante, mas eu gosto de dar aula no sítio, mas infelizmente tem essa questão.

O sofrimento eu vejo quando somos cobrados demais pelo sistema, e que as nossas atividades têm que seguir a risca um cronograma, porque temos metas a cumprir. Eu digo assim, é muito trabalho para uma remuneração mínima, a gente fica sobrecarregada, muitas vezes deixamos até de ser social, para dar conta de tudo que é cobrado para nós.

A gente sente um pouco a sobrecarga de trabalho, gera um sentimento de estresse, desgaste e de certa forma temos que passar por esse sofrimento porque temos que pegar mais de um vínculo para ver se dá para viver e isso minha filha é estressante.

Portanto, podemos observar que o sofrimento é vivenciado pelos professores quando o desenvolvimento de suas atividades é limitado pela organização e pressões no cotidiano do trabalho. No que se refere também ao reconhecimento social, embora em depoimentos anteriores, eles expressem o prazer pelo reconhecimento dos alunos e de seus pais, alguns professores sinalizaram também uma desvalorização do seu trabalho principalmente por parte do aluno e pelos pais também, que não comparecerem à escola e não vão às reuniões para saber a situação do seu filho na escola. Isso é perceptível nos discursos dos professores que expressaram o quanto essa questão é desgastante e acaba proporcionando assim vivências de sofrimento no trabalho.

4.1.4 A produção de sentido na atividade docente

Para Dejours (1994), o desenvolvimento da teoria da psicodinâmica aponta para elementos que auxiliam na compreensão de como os trabalhadores vivenciam as situações no cotidiano da sua vida e como constroem sentidos e significados através das atividades que exercem no processo laboral. Todavia Dejours & Abdoucheli (1994) observam que o trabalho pode ter um caráter estruturante na vida de um sujeito. Para os autores, o trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito. E que “não

é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, ele é também um espaço de construção de sentido e, portanto, de conquista da identidade, da continuidade e historização do sujeito” (DEJOURS, ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.43).

O trabalho envolve o corpo, o afeto e a inteligência. Dimensões que interagem continuamente e produzem novos sentidos as atividades exercidas e ao próprio ato de viver, mesmo quando as condições oferecidas são precárias, os trabalhadores buscam alternativas para darem conta das tarefas exigidas. Em meios a um conjunto de fatores que pode afetar o trabalho docente, os professores da zona rural expressam que, apesar das adversidades, conseguem sentir prazer a partir das relações de afeto que vão sendo construídas no ambiente de trabalho e pelo prazer de ver os alunos evoluindo no processo de aprendizagem. Vejamos alguns depoimentos

Eu acho muito prazeroso estar em contato com pessoas né e você se sente feliz assim gratificante quando a gente vê o progresso além de você construir amizades né com alunos professores funcionários tem esse laço com o alunado e quando a gente ver progresso se realiza através deles também.

Olhe assim pra mim é algo muito gratificante tanto é que quando a gente passa eu digo por mim por situações de estresse muito grande em sala de aula eu as vezes que me revolto um pouco e digo meu Deus o que é que tô fazendo aqui porque eu escolhi ser professora eu vou mudar e ser outra coisa na minha vida mais ai passou aquele momentinho eu digo Deus me livre de sair da docência então eu acho que a docência é como se ... ela não por amor necessariamente porque a gente trabalha também por dinheiro mas eu acho que o amor na docência ele com certeza faz parte porque se não a gente não ficava então assim é uma relação muito prazerosa quando a gente vê algum aluno se destacando.

É gratificante a gente passar um pouco do nosso conhecimento para as pessoas e quando a gente vê os resultados neles éee... quando vê que alguns que dava muito trabalho mas que depois se interessou e que muitos estão fazendo faculdade e que passaram por nós é gratificante

Carpentier-Roy (1992 *Apud* NEVES, 1999) chama a atenção para a questão da afetividade, compreendida em sua dimensão descontente ou prazerosa, presente nas relações de trabalho. Para a autora, as situações de trabalho estão sempre atravessadas pelos afetos (sofrimento e prazer) que, por sua vez, são convocados pela mobilização psíquica. Assim, os investimentos afetivos constituem um elemento fundamental para a compreensão das implicações que o trabalho tem para a identidade e a saúde mental dos sujeitos.

Em nossas análises das entrevistas, outro aspecto que nos chamou atenção está relacionado ao fato de que, embora em condições tão adversas, esses trabalhadores conseguem se estruturar diante da realidade, e utilizam recursos, como sua capacidade astuciosa e criativa para darem conta das pressões oriundas da organização e condições de trabalho. De acordo com Dejours (1994), a elaboração dessas soluções criativas configura o que se pode denominar de

mobilização da *inteligência prática*. Esta inteligência prática resulta da percepção e da intuição do indivíduo acerca do seu fazer, a partir da experiência adquirida no seu trabalho.

Entretanto, para que essa inteligência seja mobilizada, são necessários requisitos individuais quanto sociais, os individuais estão relacionadas às condições psico-afetivas para o exercício da ressonância simbólica. Conforme Dejours (1994), a ressonância simbólica diz respeito à articulação do teatro privado da história singular do sujeito com o teatro da situação atual do trabalho. Em outras palavras quando a situação atual de trabalho faz eco com a história pessoal e com as expectativas do sujeito. Já os requisitos sociais dizem respeito ao reconhecimento social de seu trabalho e suas habilidades.

Nessa perspectiva, a dinâmica do reconhecimento surge como um fator de fundamental importância para a saúde mental desses sujeitos. Segundo Neves (1999), o julgamento que é feito ao trabalho (reconhecimento do fazer) possibilita a gratificação identitária, isto é, incorpora-se esse reconhecimento ao registro do ser. Portanto, como ressalta Dejours (1992), é o reconhecimento, cuja natureza possui um forte componente simbólico, que possibilitará, por parte dos sujeitos, a construção do chamado *sentido do trabalho*.

Pelo que vimos, mostra-se fundamental o papel da dinâmica do reconhecimento para a saúde mental dos sujeitos. Esta se constitui em um espaço onde o trabalhador espera que, ao contribuir, encontre também uma retribuição pela sua atividade. Reconhecimento que se dá mediante julgamentos acerca do seu trabalho. Julgamentos que são denominados de julgamento de utilidade, que se refere ao julgamento proveniente da gerência, feito pela hierarquia, que não se restringe apenas ao trabalho realizado, mas também aos méritos do trabalhador em relação aos esforços, riscos e dificuldades para cumprir os objetivos prescritos pela atividade. E o julgamento de beleza, ou de originalidade, que se refere ao julgamento feito pelos pares. De certa forma, esse é o reconhecimento mais importante para o sujeito, uma vez que, só esses estão habilitados e têm condições de avaliar a elegância, o rigor e a engenhosidade do trabalho do outro. O reconhecimento dos pares configura para o sujeito um sentimento de coletividade e de pertença a uma comunidade de trabalho (DEJOURS & ABDOUCHELI, e JAYET 1994).

No que se refere a esse processo de retribuição e reconhecimento, percebemos em nosso estudo que os professores são diariamente submetidos a avaliações de seu trabalho. Julgamentos que são feitos pelos colegas de trabalho, direção da escola, alunos, pais de alunos e até da comunidade como um todo. Alguns entrevistados expressaram a importância do reconhecimento:

Eu sou muito feliz, hoje mesmo veio um pai me agradecer pelo despertar do filho dele. E que eu já tinha reprovado ele na minha disciplina e ele mudou, aí chega comentando

em casa que gosta da escola/das minhas aulas então pra mim não tem preço me faz saber que tô no caminho certo.

quando o aluno chega e diz aaa professora esse ano estou aprendendo muito com a senhora ai vem aquela fonte de energia né que nos desperta a pesquisar planejar trazer o melhor para o aluno eu amo ensinar.

Eu sou feliz na minha profissão, a gente quando percebe que nosso trabalho ta fluindo é bom demais (risos), quando os alunos vem e tiram as dúvidas e me agradecem por que conseguiram entender, é um sentimento único. Amo estar em sala de aula, o contato e as experiências na sala de aula é gratificante.

Podemos dizer que em relação ao reconhecimento, que é proferido pela gerência e hierarquia, no caso desse estudo, da direção e técnicos da escola, os sujeitos pesquisados não apresentaram queixas. Como podemos observar nesse depoimento: *Nossa equipe de trabalho é maravilhosa, todos se respeitam e se ajudam, essa boa relação que te digo é desde o portão até a direção, somos uma família. Temos sorte de ter pegado bons gestores.*

4.1.5 Existe prazer no trabalho docente?

Diante do quadro exposto anteriormente em que identificamos um conjunto de fatores que produzem desgaste e sofrimento no exercício do trabalho docente, analisamos nesse item se mesmo atravessados por situações tão adversas, os professores conseguem sentir prazer no desenvolvimento de suas atividades. Segundo Neves (1999), os professores não apenas executam o seu trabalho, mas também investem e contribuem para a organização do trabalho. Esse investimento vai desde as compras de materiais escolares com seu próprio dinheiro até a utilização do tempo que lhes resta para o descanso. Nas entrevistas, no entanto, vimos que o maior prazer apresentado pelos professores em seus depoimentos advém de suas relações intersubjetivas com os alunos. Verem o desenvolvimento dos alunos e sentirem úteis e reconhecidos por eles.

Assim o prazer depende do desejo tem professores que sentem prazer porque ganham bem e eu não posso negar que existe prazer e tem professor que sentem prazer porque conseguem fazer que o ensino e a aprendizagem sejam efetivos em sala de aula independente das condições e isso da prazer e eu gosto de me colocar como um desses sinto prazer quando vejo que meus esforços em preparar uma aula cujo objetivo está sendo alcançado é feito de forma satisfatória.

Há essas situações de angustia e de estresse que são pontuais, mais assim o prazer eu acredito que em toda profissão ele tem que existir e se o prazer não existir você está no canto errado. Você não ta no canto certo então assim é muito prazeroso você chegar e ver o carinho a atenção daqueles que estão prestando atenção e eu gosto muito de dialogar com meus alunos. Nos alegra nos motiva e nos da muito prazer com certeza.

Há prazer no trabalho muito mulher... Só em eu planejar eu já estou me sentindo prazerosa e realizada com aquilo que to fazendo, porque cada aula que a gente planeja

a gente se sente mais segura e ao mesmo tempo a gente vai passar uma melhor aprendizagem para os alunos a partir desse planejamento e para mim está em sala de aula é prazeroso a gente sabe sim que é meio cansativo de acordo com o mundo de hoje que exige muito da gente mas eu sinto esse prazer.

De acordo com Neves (1999, p.232), “o sentido ou a significação do trabalho apresenta-se como ponto fundamental na relação com o desejo e prazer, uma vez que não configura questão de mera satisfação, mas de realização”. Por outro lado, não podemos deixar de mencionar, conforme já foi dito em momentos anteriores, prazer e sofrimento são expressões que fazem parte do cotidiano desses professores, que superando as adversidades conseguem dar sentido ao seu trabalho e se realizam com o reconhecimento dos alunos.

Segundo Dejours (1994), o prazer decorre da liberação de energia psíquica (possibilidades de engajamento) que a tarefa autoriza. Assim, os sujeitos não vivenciam no trabalho apenas dor e sofrimento, mas também o prazer. Ainda segundo o autor, prazer e sofrimento são entendidos como duas linhas que não se excluem, mas que também não se cruzam obrigatoriamente. Verificamos nas falas dos entrevistados a consciência da importância do seu trabalho, embora haja um sentimento por parte de alguns que não se sentem reconhecidos, por a profissão não ser valorizada, manifestam-se no sentido do saber que a base da educação está em suas mãos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar as inter-relações do processo de trabalho, a produção de subjetividades e a saúde mental dos professores do ensino fundamental da zona rural do município de Monteiro – PB.

Conforme ressalta Neves (1999, p.12), “trabalho, subjetividade e saúde: enigmas em processo de decifração permanente, até porque o trabalho é sempre outro, passando constantemente por diversas mudanças e transformações”. A constatação dos efeitos do trabalho no universo psíquico dos trabalhadores, o aumento dos adoecimentos psíquicos, a evidência de sintomas psicológicos secundários presentes em diversas formas de doenças relacionadas ao trabalho, dentre outros problemas, evidenciam a importância e a magnitude de se discutir, pesquisar e produzir conhecimento acerca da relação trabalho e saúde mental.

Podemos perceber que a situação de trabalho dos professores em municípios do interior apresenta um quadro de desvalorização do trabalho e defasagem salarial. Tendo em vista que em muitos casos, os professores são contratados temporariamente e têm, portanto, a vida profissional atrelada aos interesses eleitoreiros de políticos da cidade. Essas questões aliadas ao processo de precarização do trabalho docente em nível nacional têm implicações na saúde mental dos docentes, tendo em vista que exercem suas atividades sob pressões, inquietações e falta de autonomia.

A abordagem da psicodinâmica do trabalho, aporte teórico deste estudo, trouxe consideráveis contribuições teórico-metodológicas para o campo da saúde mental e trabalho. Uma questão fundamental da Psicodinâmica do Trabalho, que tem como precursor o psicanalista Christophe Dejours, é colocar a normalidade, e não a doença, como objeto central de investigação. O objeto de estudo central é compreender como em determinadas circunstâncias o trabalhador permanece saudável e ativo. Seus estudos revelam a importância dos mecanismos de defesas individuais e das estratégias de defesas coletivas que os trabalhadores criam como forma de se protegerem do sofrimento produzidos pelas situações de trabalho.

Com base nesse arcabouço teórico, observamos em nossa pesquisa que uma das grandes fontes de preocupação e desgaste dos professores pesquisados é a incompreensão das famílias dos alunos o fato dos pais não participarem da educação formal dos filhos e dos trabalhos escolares, de forma que toda a responsabilidade recai sobre os professores. Por essa razão, os docentes acabam assumindo múltiplos papéis tendo conseqüentemente uma sobrecarga de trabalho. A desvalorização do salário também foi apontada como uma fonte de desgaste e

preocupação, de modo que, na maioria dos depoimentos, os professores ressaltam a importância dessa profissão para a sociedade e que a categoria tem que lutar por melhores condições de trabalho e salários mais justos, sendo a maior perspectiva dos docentes a valorização por parte dos governantes com sua atividade profissional.

Além disso, podemos constatar uma fonte de sofrimento também nas vivências dos entrevistados que são as próprias formas de acesso para a escola, tendo em vista que o processo de deslocamento é desgastante, pois mesmo sem ser em período chuvoso a estrada dificulta a transição para a escola, por ser em uma zona rural e conseqüentemente a rodagem ter muitos buracos. Alguns professores que são de outras cidades circunvizinhas de Monteiro PB, utilizam seus próprios veículos para fazer esse percurso e consideram o processo ainda muito cansativo. O sofrimento se agrava quando a escola não atende as condições necessárias para o desenvolvimento dos seus trabalhos. Em algumas das escolas pesquisadas, os professores evidenciam que a super lotação das salas, e a indisciplina dos alunos geram um desconforto na atividade docente. Importante ressaltar que, mesmo estando diante de condições adversas no seu cotidiano de trabalho, identificamos que há sofrimento no trabalho, mas não esgotamento profissional. Os sujeitos da pesquisa mostraram-se dispostos a enfrentar situações e condições presentes em sua atividade profissional.

Embora os professores em seus depoimentos tenham apontando os problemas oriundos da organização e condições de trabalho que produzem sofrimento psíquico, nosso estudo também identificou as fontes de prazer no exercício do magistério e o sentido do trabalho para os sujeitos da pesquisa. Neste caso, o prazer de educar foi apontado como um ponto fundamental e que dá sentido ao que fazem, possibilitando a construção de uma identidade profissional. Esta pesquisa revela que os professores conseguem criar estratégias de defesas em relação a essa grande desvalorização com sua categoria e mostram que o sentido do trabalho está no reconhecimento adquirido no convívio com os alunos. O prazer está presente quando eles sentem que contribuíram para o crescimento/conhecimentos de seus alunos e acreditam que se realizam com as realizações dos discentes.

Finalizando, diante desse quadro onde o professorado público encontra-se, como já sinalizado, passando por uma crescente desvalorização e desqualificação do seu trabalho, ressaltamos a importância de ampliação de estudos nesta área, especificamente no que se refere aos processos de subjetivações no trabalho docente em um cenário atravessado por condições tão adversas.

Podemos perceber, a partir desse trabalho que uma série de significações e sentidos foram dados ao trabalho docente. Por isso, ressaltamos que evidentemente essa monografia não

deu conta em analisar todas as complexidades que atravessam a relação saúde mental e trabalho. Longe de ser conclusivo, este trabalho abre possibilidades para pesquisas futuras que permitam ampliar as discussões que envolvem saúde mental e o trabalho docente no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BRITO, Jussara Cruz de. Saúde, **Trabalho e Modos Sexuados de Viver**. 20. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

BRITO, Jussara; BARROS, Maria Elizabeth; NEVES, Mary; ATHAYDE, Milton (Org). **Trabalhar na escola? “Só inventando o prazer”**. Rio de Janeiro: edições IPUB/CUCA, 2001.

CAMARGO, D A de. **Aspectos Periciais em Saúde Mental no Trabalho e Avaliação da Capacidade Mental para o Trabalho**. In: GLINA, D. M. R. & ROCHA, L. E. (Org.). Saúde Mental no Trabalho da Teoria à Prática. São Paulo, Editora Roca, 2010.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

DEJOURS, Christophe. **Da psicopatologia a psicodinâmica do trabalho**. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs). Tradução de Frank Soundant. Editora: Fiocruz, Brasília, 2004.

DEJOURS, Christophe. Por um Trabalho, Fator de Equilíbrio. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, 33(3): 98-1104 Mai./Junho, 1993.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, Christophe.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **A Loucura no Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez-Oborê, 1987.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault - **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.

LAURELL, A C.; NORIEGA M. **Processo de Produção e Saúde: Trabalho e Desgaste Operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

LUNARDI, Valéria Lerch. **Problematizando conceitos de saúde, a partir do tema da governabilidade dos sujeitos**. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/4219/2229>>.
Acesso em: 05 de mar de 2018 as 20h01.

MARIANO, Maria do Socorro Sales; MUNIZ, Hélder Pordeus. **A atividade coletiva dos professores da segunda fase do ensino fundamental em João Pessoa PB**. In: NEVES, Mary Yale et al. (Orgs). Subjetividade e trabalho “a vida não é só isso que se vê”. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009 p.71-85.

MINAYO, Maria Cecília. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.

NEVES, M. Y. **Trabalho Docente e Saúde Mental: a dor e delícia de ser (tornar-se) professora**. 1999. 269 p. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ.

NEVES, Mary. Yale.; ATHAYDE, Milton.; BRITO, Jussara. A mobilização das professoras pela saúde. In: GLINA, Debora Miriam Raab; ROCHA, Lys Esther. (Org.). **Saúde Mental no Trabalho da Teoria à Prática**. São Paulo: Editora Roca, 2010.

VASCONCELOS, Ana Cláudia Leal; NEVES, Mary Yale. **a saúde das professoras do ensino fundamental: relato de uma investigação**. In: NEVES, M.Y et al. (Orgs). Subjetividade e trabalho “a vida não é só isso que se vê”. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009 p.27-50.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Lindovânia da Costa Borges, aluna do curso de Licenciatura em Letras – UEPB – Campus VI – Monteiro - PB, estou realizando uma pesquisa aprovada pelo Programa Institucional de iniciação científica (PIBIC/UEPB) e para a elaboração do TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) sob a orientação da Professora de Psicologia da UEPB/CAMPUS VI Monteiro-PB. A pesquisa tem como título Subjetividade, Saúde Mental e Trabalho: Uma Análise das Vivências Subjetivas dos Professores do Ensino Fundamental da Zona Rural da Rede Pública Municipal de Monteiro-PB. Tem como objetivo geral analisar as inter-relações do processo de trabalho, a produção de subjetividades e a saúde mental dos professores do Ensino Fundamental da Zona Rural da Rede Pública Municipal de Monteiro-PB. Para a realização da mesma gostaria de solicitar sua participação, garantindo o anonimato, o sigilo das informações e o direito de desistir da referida pesquisa em qualquer momento. Gostaria ainda de contar com sua permissão para apresentar os resultados em eventos.

EU _____, estando ciente dos objetivos da pesquisa, aceito participar da mesma de livre e espontânea vontade.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA



Roteiro da entrevista Semi-Estruturada

- O gênero;
 - A idade;
 - Tempo de atuação na profissão;
 - Saber se o vínculo com a instituição é como efetivo ou contrato; e
 - Quanto tempo de serviço prestado naquela instituição.
1. Como se deu sua inserção no magistério?
 2. Como você analisa a carga de trabalho do professor?
 3. Quais os principais problemas da escola que dificultam o cotidiano do trabalho?
 4. Você poderia falar como se dá a relação professor aluno em sala?
 5. Como é a sua relação com os seus colegas de profissão?
 6. Você costuma tirar algum tempo para cuidar de si?
 7. Qual o sentido do trabalho de ser professor para você?
 8. Você identifica fontes de sofrimento no trabalho?
 9. E prazer no trabalho? Há prazer?
 10. Em sua opinião há diferenças entre o trabalho do professor do sexo masculino e a professora do sexo feminino?